



Artigo
Article

**"RUA DA TONTURA": UMA ETNOGRAFIA DA PEGAÇÃO GAY NA
RUA SIMPLÍCIO MENDES NO CENTRO DE TERESINA**

*"DIZZINESS STREET": AN ETHNOGRAPHY OF GAY CRUISING ON SIMPLÍCIO
MENDES STREET IN DOWNTOWN TERESINA*

Carlos Eduardo Bezerra Freitas¹
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento²

RESUMO: A presente etnografia mergulha nas intrincadas dinâmicas da pegação gay que se desenrolam na movimentada rua Simplício Mendes no centro de Teresina, em especial o trecho que corresponde à parte que fica atrás da Praça Saraiva. Ao explorar este fenômeno social, o estudo revela a complexidade das interações humanas, os espaços de sociabilidade e as relações de poder que caracterizam esse peculiar cenário urbano. A pesquisa envolveu observação participante, entrevistas e análise visual, proporcionando uma visão holística das práticas de pegação em um dos pontos mais emblemáticos da cidade. Descortinando o cotidiano desses encontros, o estudo evidencia a construção de identidades individuais e coletivas, destacando a importância do espaço público como arena para expressões de afetividade e desejos. A narrativa etnográfica revela também as negociações constantes entre os frequentadores, suas estratégias de comunicação não verbal e as nuances das relações que se estabelecem momentaneamente nesse ambiente efervescente. Além disso, são explorados os desafios enfrentados pelos participantes ao buscarem formas de resistência e aceitação em uma sociedade que, por vezes, ainda lida com a diversidade sexual de maneira ambígua. Este estudo contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais que permeiam as ruas do centro de Teresina, destacando a importância de se considerar a diversidade de experiências humanas e as formas de resistência cultural que emergem em espaços urbanos específicos.

Palavras-chave: etnografia, pegação, gay, centro de Teresina.

¹Mestrando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGANT da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-Mail: cadu_bezerra@hotmail.com.

²Doutor em Antropologia. Professor Adjunto e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGANT da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-Mail: nonatorr.33@gmail.com.

ABSTRACT: This ethnography delves into the intricate dynamics of gay cruising that unfold on the busy Simplício Mendes street in the center of Teresina, especially the stretch that corresponds to the part behind Saraiva Square. By exploring this social phenomenon, the study reveals the complexity of human interactions, the spaces of sociability and the power relations that characterize this peculiar urban scenario. The research involved participant observation, interviews and visual analysis, providing a holistic view of cruising practices in one of the city's most emblematic spots. Unveiling the daily life of these meetings, the study highlights the construction of individual and collective identities, highlighting the importance of public space as an arena for expressions of affection and desires. The ethnographic narrative also reveals the constant negotiations between the regulars, their non-verbal communication strategies and the nuances of the relationships that are momentarily established in this effervescent environment. In addition, the challenges faced by participants in seeking forms of resistance and acceptance in a society that sometimes still deals with sexual diversity in an ambiguous way are explored. This study contributes to a deeper understanding of the social dynamics that permeate the streets of downtown Teresina, highlighting the importance of considering the diversity of human experiences and the forms of cultural resistance that emerge in specific urban spaces. **Keywords:** ethnography, cruising, gay, downtown Teresina.

INTRODUÇÃO

Não vejo esse lugar como um local de pegação como os outros dizem e nem me sinto promiscuo por estar aqui, estou fazendo apenas o que outros gays hipócritas gostariam de estar fazendo. (R.C.S. 36 anos. Frequentador da rua da Tontura).

No coração pulsante de Teresina, protegidos pelos prédios antigos e pelas frondosas árvores, uma experiência única aguarda aqueles que procuram conexões e momentos de camaradagem. A movimentada zona de pegação³ gay no centro da cidade de Teresina não representa apenas um ponto de encontro para a comunidade LGBTQ+⁴, mas também um local seguro para anônimos satisfazerem suas fantasias e desejos. Em meio à tapeçaria complexa da vida urbana, essas zonas emergem como espaços de encontros efêmeros, onde a busca por conexões íntimas e a expressão livre da sexualidade se entrelaçam com os desafios inerentes ao próprio ato de se aventurar em territórios muitas vezes marginais. Neste contexto surge a rua da Tontura⁵, local de pegação no meio do centro de Teresina. Este artigo científico se propõe a desvendar as intrincadas dinâmicas deste espaço, onde perigos e prazeres coexistem em um abstruso equilíbrio.

Ao abordar tal local, é imperativo transcender a superfície aparente e compreender a complexidade dos fios que tecem esses ambientes urbanos. Por um lado, essas áreas representam um santuário de liberdade sexual, um palco onde as normas sociais são desafiadas, e a busca pelo prazer é celebrada em sua mais crua expressão. No entanto, por outro lado, essas zonas também carregam consigo uma série de perigos inerentes - desde a estigmatização social até questões relacionadas à segurança e saúde pública. A coexistência de perigos e prazeres nas zonas de pegação gay não apenas lança luz sobre a rica diversidade sexual humana, mas também nos desafia a questionar as estruturas sociais que moldam e muitas vezes limitam a expressão desses desejos. Esta

³Sexo sem compromisso, anônimo e geralmente em grande quantidade.

⁴Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e queer.

⁵Nome dado pelos frequentadores ao trecho da rua Simplício Mendes que fica atrás da praça Conselheiro Saraiva.

pesquisa se propõe a percorrer uma jornada pelo universo ambíguo e multifacetado da rua da Tontura, explorando as tensões entre a busca pelo prazer pessoal e os desafios que permeiam esse terreno complexo de interações sociais.

METODOLOGIA

Malinowski (1978), em sua obra *Argonautas do Pacífico Ocidental*, enfatiza a importância da etnografia para resultados mais claros e objetivos. Ele introduziu e popularizou o método da observação participante, no qual o antropólogo vive entre os membros de uma cultura por um longo período de tempo, participando de suas atividades cotidianas e ganhando uma compreensão profunda de sua vida social, cultural e psicológica. Isso representou uma mudança significativa em relação aos métodos anteriores, que muitas vezes eram baseados em observações superficiais ou relatos de terceiros.

Para realizar esta etnografia, mergulhei na atmosfera noturna de um dos pontos de interação homoerótica mais tradicional de Teresina, a Rua da Tontura. Atualmente localizado num trecho da rua Simplício Mendes, que compreende a parte atrás da praça Conselheiro Saraiva. O estudo foi realizado ao longo de um período de seis dias, durante os quais frequentei regularmente o ponto de pegação em diferentes dias e horários, a fim de capturar uma ampla gama de experiências e interações. A abordagem metodológica empregada foi a observação participante, permitindo imergir na cultura do local e interagir com os participantes de forma natural e não intrusiva.

Para o embasamento desta metodologia usei como base as ideias de Foote Whyte (2005) em *Sociedade de esquina* e a sua necessidade de entendimento de uma população que estava tão próxima de seu círculo, porém, por serem de culturas e até mesmo de classes distintas, ainda existia uma grande lacuna no entendimento de como essa “sociedade” funcionava. A Rua da Tontura, assim como outros pontos de pegação da cidade, ainda é bastante estigmatizada entre a comunidade gay. Por isso é tão importante entender como este ambiente que promove tamanha interação ainda é menosprezado e subjugado pela sociedade e pela comunidade que deveria abraçá-lo. Apesar de nosso estudo trazer nuances de personagens singulares, o propósito deste artigo não é entender singularidades, mas todo o contexto que envolve a Rua da Tontura.

Pouco iremos nos preocupar com as pessoas em geral. Encontraremos pessoas particulares e observaremos as coisas particulares que fazem. O padrão geral de vida é importante, mas só pode ser construído por meio da observação dos indivíduos cujos padrões configuram esse padrão (WHYTE, 2005, p. 23).

Dentro deste aspecto ainda, ressalto que todos os interlocutores tiveram seus nomes trocados ou se fez uso de siglas, algumas informações pessoais foram descartadas. Utilizei apenas a idade e em alguns casos a profissão para fins de pesquisa. Além da observação participante, foram conduzidas entrevistas informais com frequentadores do local, com o intuito de obter insights sobre suas experiências, motivações e percepções em relação ao ponto de pegação. As entrevistas foram realizadas de maneira aberta, permitindo que os participantes compartilhassem livremente suas opiniões e histórias. Além da observação de todo o espaço que compreende a Rua da Tontura.

DE DIA, SIMPLÍCIO MENDES, À NOITE, RUA DA TONTURA

A cidade de Teresina, capital do Piauí, é um território marcado por sua rica diversidade cultural e suas nuances urbanas que se entrelaçam, dando vida a espaços multifacetados. Dentre esses espaços, a Rua Simplício Mendes emerge como um emblemático reflexo dessa complexidade, sendo uma das vias mais importantes para o comércio local durante o dia e, à noite, revelando um aspecto menos explorado, por vezes marginalizado, mas que desempenha um papel social intrigante. A Rua Simplício Mendes é uma das primeiras ruas planejadas de Teresina. Segundo o site Teresina Antiga (2021), é uma das vias mais antiga da cidade. Assim como outras no centro, foi uma das primeiras idealizadas por José Antônio Saraiva⁶ e João Isidoro França⁷ e aberta pelo trabalho braçal dos escravos e trabalhadores livres do século XIX. A rua vai de norte a sul cortando vários logradouros importantes no centro de Teresina, tais como a Praça Ladre Sales (Praça do Liceu), a Praça Rio Branco, a Praça Saraiva, entre outras. Importante lembrar que no início da urbanização da cidade a rua era bem menor, mas, de acordo com o desenvolvimento do centro, a rua foi acompanhando esse crescimento.

Outro fato importante retratado no site Teresina Antiga (2021) é que as vias de Teresina recebiam nomes de acordo com alguma característica marcante que pudesse existir nos entornos, por isso o local recebeu alguns nomes como Rua da Palmeirinha, Rua do Pequizeiro, Rua do Fio e até Rua Grande. O nome atual, batizado em meados da década de 1930, foi uma homenagem a Simplício de Sousa Mendes, médico, geógrafo e presidente da província do Piauí, em 1853, logo após Antônio Saraiva. Durante as horas diurnas, a rua se transforma em um vibrante centro comercial. Suas calçadas são palco para uma miríade de lojas, escolas, órgãos públicos e comércios diversos. Empresários, comerciantes e transeuntes movimentam-se freneticamente, contribuindo para a pulsante atmosfera urbana da região. É um espaço onde a economia local se manifesta em sua plenitude, evidenciando a dinâmica comercial que caracteriza a capital piauiense. No entanto, ao cair da noite, um trecho da Rua Simplício Mendes revela uma faceta diferente, onde a urbanidade se entrelaça com as complexidades das interações sociais. Nesse ambiente noturno, homens se encontram em busca de conexões efêmeras, em um fenômeno conhecido como "pegação".

Em síntese inicial, pode-se contemplar a Tontura como um lugar ou conjunto de práticas e representações estéticas, éticas, cognitivas e comportamentais e/ou confusa aglomeração situada no espaço e no tempo, na qual a presença do coletivo produz e reproduz suas práticas (SAMPAIO, 2019, p. 10).

Neste mesmo estudo, Sampaio (2019 p. 39) reforça que as ruas são ocupadas por carros transitando e as calçadas por homens que entram em um jogo de performances e conquistas. E aqui é válido ressaltar que a área descrita, que foi o objeto de estudo do autor, compreendia o trecho da Rua Olavo Bilac, que “fica x”⁸ com a Rua Simplício Mendes. É interessante observar como esses locais mudam suas rotas, seja para garantir o

⁶Presidiu a província do Piauí e foi o responsável pela fundação de Teresina.

⁷Arquiteto, engenheiro e urbanista, foi o principal projetista das ruas e avenidas de Teresina entre 1948 e 1852.

⁸Expressão do vocabulário piauiense que quer dizer, esquina com.

anonimato de quem os frequenta ou mesmo pela viabilidade do acesso. A dualidade dessa rua, que transita entre o efervescente comércio diurno e as dinâmicas sociais noturnas, nos convida a refletir sobre a complexidade da vida urbana. A Rua Simplício Mendes não é apenas um cenário comercial, mas um palco onde diferentes narrativas se desenrolam ao longo das horas do dia e da noite. A presença desses encontros noturnos destaca a necessidade de compreendermos as cidades não apenas como espaços físicos, mas como construções sociais, onde diferentes grupos e práticas coexistem, muitas vezes de maneira invisível aos olhos desatentos.

MÃO “NAQUILO”, “AQUILO” NA MÃO

Um dos problemas que mais me perturbavam ao pensar sobre o sexo era a promiscuidade dos homens gays. Repetidas vezes me espantou ao saber por amigos gays de pontos de encontros em toaletes de restaurantes, estações rodoviárias (...) Finalmente percebi. Fazer sexo anônimo num beco escuro é prestar homenagem ao sonho da liberdade masculina (PAGLIA, 1993, p. 36).

A cultura da pegação gay é um fenômeno multifacetado que tem raízes profundas na comunidade LGBTQ+. Clemente (2018, p. 17), em seu estudo sobre homoerotismo, diz que a história das relações sexuais entre homens se confunde com a própria história de muitas sociedades humanas. Desde os primeiros movimentos de liberação gay até os aplicativos de namoro modernos, a pegação gay tem evoluído e se transformado, refletindo tanto os desafios quanto as conquistas enfrentadas pelos indivíduos queer ao longo dos anos. O sexo anônimo entre os homens em espaços públicos citadinos – a chamada pegação – é uma espécie de dobra histórica muito mais ampla e antiga, da qual redundava a noção de regime da infâmia homossexual (CLEMENTE, 2018, p. 17). Os locais para essa prática vão desde banheiro de bares, boates, ruas, cinemas, até a bares especializados no hábito.

Em Teresina, a prática do “banheirão” é comum e frequente. Pode ser percebida durante o uso dos mictórios de bares, boates, rodoviárias e supermercados, como acontece comumente. As logísticas das insinuações surgem em meio a flertes, olhares provocantes e insinuações sexuais, o que pode desencadear no acionamento da pegação (SAMPAIO, 2019, p. 49).

Oliveira e Nascimento (2015, p. 53) reforçam ainda que “a região do centro é recortada por uma variedade de espaços usados como ponto de pegação”. Percebemos, então, que a Rua da Tontura não é o único local para essa prática em Teresina, porém podemos dizer que é o local mais tradicional. E engana-se quem acha que a prática do “sexo sem compromisso” é algo habitualmente de nosso país; a prática está ligada ao campo homoafetivo em diversos lugares. Podemos considerar que o sexo casual entre homens existe e instaura realidades em diferentes contextos urbanos contemporâneos (Clemente, 2018, p. 45). Assim, como ocorre no Brasil, apesar da nomenclatura se diferenciar da que é usada aqui, a pegação também é praticada e facilmente associada às ocupações urbanas homoeróticas. Franks e Flowers (2005, apud CLEMENTE, 2018, p. 60) citam a *cottagens*, prática sexual em banheiros públicos no Reino Unido, as *tearooms* nos

Estados Unidos e as *beats* na Austrália. Jaurand (2015), em seus estudos sobre sexo gay em lugares públicos na França, diz que “desde o século XVIII, as margens do rio Sena, nos jardins de *Les Tuileries*, se afirmam como um ponto de prazer homoerótico” (apud CLEMENTE, 2018, p. 60).

Nos últimos anos, com o avanço da tecnologia, surgiram aplicativos de namoro voltados especificamente para a comunidade gay, como o *Grindr* e o *Scruff*. Esses aplicativos revolucionaram a forma como os homens gays se conectam, oferecendo uma plataforma conveniente para encontrar parceiros sexuais de forma rápida e discreta. “Até uso o aplicativo, quando quero algo mais sólido. Quando quero só aliviar o têsão venho na Tontura. Geralmente passo aqui quando saio dos bares”, diz, Francisco Moura, de 38 anos, frequentador da Rua da Tontura.

E AÍ, VAMOS DAR UMA VOLTA?

Meu primeiro contato com o local se deu por conta de um interlocutor e amigo, ele me falou como funcionava e me levaria até lá. Seguimos para a Rua da Tontura depois que saímos de uma balada alternativa no centro, assim como outras pessoas que lá frequentam. Ao chegar na rua, observei a movimentação de homens que circulavam pela área. Estacionei meu carro numa área mais escura e logo em seguida outros carros que davam voltas no quarteirão estacionaram, também, atrás do meu. Inclusive, algumas pessoas atribuem o nome “tontura” a esses motoristas que ficam dando voltas no quarteirão até encontrar algo interessante que os façam estacionar.

Meu amigo decidiu sair do carro e interagir com outros caras, olhei no painel do carro, já se passavam das 2h da manhã, madrugada de sábado para domingo. Pelo que me falaram este é o melhor dia para visitar a Rua da Tontura, já que a possibilidade de ter mais frequentadores é maior, por conta dos eventos. Enquanto meu amigo passeava pelo local, pude observar vários homens, encostados no muro de estacionamento que funciona na rua. Alguns se masturbavam ou mostravam seus pênis, outros apenas esperavam que alguém chegasse mais próximo.

Depois de alguns minutos analisando tudo de dentro do carro, percebi uma pequena movimentação e no meio de quatro homens, agachado, reconheci a silhueta do meu amigo, ele fazia sexo oral naqueles que estavam ao seu redor, enquanto outros caras só assistiam e se masturbavam. Assim que terminou, entrou no carro e disse que já íamos. Perguntei se o movimento já tinha terminado, ele me explicou que, aos sábados, por ser mais frequentado, os policiais passam com mais frequência fazendo ronda, então a qualquer momento poderia aparecer uma viatura. Além de que ele já estava saciado. Perguntei ainda qual a sensação de fazer sexo ali, o que ele me respondeu foi que ser desejado por vários homens ao mesmo tempo é muito bom. “Várias mãos me tocando, vários paus querendo que eu mame, é uma sensação gostosa”, conclui, P.L.N, 28 anos. Resolvi ir mais uma vez no dia seguinte, cheguei por volta de 23h do domingo, dei algumas voltas e não percebi movimento algum, apenas alguns carros passavam aleatoriamente, mas nenhum parou. Pouco mais de meia noite decidi voltar para casa. Entendi que a Rua da Tontura tem seus dias e horário de funcionamento, mais tarde essa hipótese seria confirmada.

Na semana seguinte, decidi que iria na sexta-feira e no sábado. Cheguei na Rua da Tontura por volta das 22:30 da sexta-feira, não tinha nenhum movimento de carro, mas tinha algumas poucas motos e alguns homens embaixo de umas árvores. Aproveitei para

fazer contato com alguns frequentadores. Conheci J.S.A, de 42 anos, perguntei se ele tinha costume de frequentar o local; muito envergonhado ele me disse que não era gay, mas que como trabalhava como vigilante ali próximo, vez ou outra passava lá para ganhar uma chupetinha: “Sou casado, sabe? Mas trabalho aqui próximo, sou vigia. Então vim aqui algumas vezes e algum veado me mama. Depois volto pro trabalho e ninguém mais se vê”, diz J.S.A. Interessante perceber a diversidade dos personagens que fazem parte dessa grande teia de envolvimento e não envolvimento.

Nesse dia, observei outra característica interessante da Rua da Tontura: nem todos os que frequentam se sentem à vontade de fazer sexo em público. Alguns usam o local apenas como ponto de encontro, fazem tudo dentro de seus carros, protegidos por vidros fumê, ou mesmo vão para outros lugares como motéis ou até mesmo outras ruas do centro menos frequentadas que a Rua da Tontura.

Ainda nesta madrugada de sexta-feira para sábado, conheci um casal de gays que me pediram para não os identificar de forma alguma, estacionaram seu carro próximo ao meu, me chamou a atenção, pois era um carro bem imponente. Um deles desceu e veio até onde eu estava – encostado no meu carro – perguntou o que eu curti e se eu já tinha saído com um casal. O rapaz, que deveria ter pouco mais de 30 anos, vestia roupas boas e cheirava muito bem, parecia estar desconfortável no local e me perguntou se eu não queria entrar no carro deles. Quando entrei, vi um jovem muito bonito no banco do passageiro, também usava roupas visivelmente boas e parecia ser mais novo que o outro. O rapaz que me fez o convite para entrar no carro me explicou que eles eram namorados, mas que às vezes gostavam de fazer coisas diferentes. Como eram muito discretos, não usavam aplicativo, preferiam dar umas voltas na Rua da Tontura e tentar a sorte. Conversamos algumas amenidades para quebrar o clima e eles me perguntaram se eu queria os seguir no meu carro, assim eu fiz. A Rua da Tontura é de fato um local de muitas nuances e histórias, vários personagens e de vários tipos que fazem o ambiente um promissor guia de relações urbanas.

Volto no dia seguinte, madrugada de sábado para domingo; dessa vez não fui a nenhum local antes, cheguei por volta de 1:00h da manhã e o movimento já estava intenso, como já haviam me dito, “aos sábados a Tontura pega fogo”. Estacionei meu carro um pouco mais distante, afim apenas de observar todo o movimento dos corpos naquele lugar. Entre os muros dos estabelecimentos que compreendem a rua e as paredes de carros dos frequentadores, nas calçadas, protegidos pela escuridão formada pelas copas das árvores, vários corpos se buscavam. O cheiro de sexo subia e eu pude perceber um ambiente igual ao do primeiro dia, ao longo da calçada, alguns caras estavam abaixados, enquanto outros faziam uma roda ao seu redor, cada um esperava o momento em que iriam receber sexo oral daquele que estava agachado. Um grupo de oito a dez pessoas, todos interagindo entre si, estava mais “escondido” próximo aos carros, entre mãos e sexo oral, alguns também faziam sexo propriamente dito. A troca de sensações era eminente e a visão de tamanha luxúria era algo real e palpável. A quem pudesse testemunhar era uma grande orgia.

A orgia aparece na maioria das vezes caracterizada como efeito colateral de eventos outros, em sua maioria tida como eventos de desorganização, dissipação, caos, anarquia, anomia etc. Enfim, um evento “perigoso” que ou precisa ser evitado ou ser contido, com riscos de se pagar com a desordem social. Baseio-me aqui em obras que dão um panorama abrangente sobre o tema, quer compartilhem ou não com essa visão, mas que, de alguma forma, problematizam

o lugar da efervescência, do orgasmo e do festivo, de acontecimentos de alta intensidade (na maioria das vezes de força erótica), seja de um ponto de vista histórico, sociológico e mesmo etnográfico (BARRETO, 2016, p. 230).

Lá pelas 3:00h da manhã poucas pessoas ainda resistiam àquela madrugada intensa, alguns caras apenas conversavam, outros trocavam carícias mais quentes. Percebo então que uma viatura da polícia se aproximava, as luzes do carro fizeram com que aqueles poucos homens que ficaram fossem embora, os corpos sumiram na escuridão que ainda restava. A viatura parou do lado do meu carro, e um dos policiais me perguntou o que eu estava fazendo, respondi que era estudante e que estava apenas observando o local para um estudo. Ele me alertou que ali pode ser perigoso e que muitos caras se “camuflam” entre os gays e acabam cometendo assalto, alguns também extorquem dinheiro. Pediram para que eu levantasse os vidros do carro e que eu tivesse cuidado. Aproveitei a deixa para voltar para casa, a noite já tinha sido bastante animada.

RESULTADOS

Entre os últimos dias que eu frequentei a Rua da Tontura para a escrita deste ensaio, tive a oportunidade de conhecer vários personagens. Claudio Barros, 38 anos, professor da Rede Municipal, diz que a Rua da Tontura é um lugar para distração, não é um local para quem busca um relacionamento.

Ser gay acima dos 30 anos e não estar dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade é difícil. Raramente alguém me dá um match⁹ nos aplicativos de relacionamento e, quando acontece, a conversa logo esfria. Em bares e boates lgbs, somente os corpos novos e sarados são vistos, não tem como lutar contra as barbies¹⁰. Aqui na Tontura ou em outros locais de sexo sem compromisso não existe essa responsabilidade afetiva, todos estamos aqui com um objetivo, aliviar o tesão. E sabe o que é muito engraçado? A gay musculosa que te deu um fora na boate ou que não te dá like no aplicativo, aqui na Tontura se ajoelha pra te mamar ou quer ser passiva para você. (Claudio Barros, frequentador da Tontura e outros pontos de pegação da cidade).

O certo é que seis dias não foram o suficiente para elencar toda a heterogeneidade dos personagens que permeiam aquela região. Entre frequentadores assíduos ou os que estão lá por curiosidade, todos que ali estão buscam tão somente a realização de seus desejos mais íntimos, seja a tal liberdade do homem, o carinho de outra pessoa, mesmo que apenas por minutos ou a busca por um excessivo prazer. Sampaio (2019, p.104) diz que a Tontura é o fruto dos jogos de interações subjetivas envolvendo forças capazes de guiar o indivíduo a uma conjuntura na qual experimenta um estado diferente de ânimo. Com esta etnografia percebi como estes frequentadores criam personagens próprios dentro de toda aquela atmosfera, seja para uma performance de aceitação, subjeção ou para “passar despercebido”.

⁹Gíria usada em aplicativos de relacionamento para dizer que alguém gostou da outra.

¹⁰Gíria do meio lgbt para representar gays com o corpo musculoso.

Contudo, alguns resultados foram encontrados, uma série de práticas e normas culturais dentro do ponto de pegação, incluindo códigos de conduta não verbal, como contato visual prolongado e gestos discretos, que são utilizados para iniciar e sinalizar interesse em interações sexuais. Além disso, as entrevistas revelaram uma variedade de motivações para frequentar o local, que incluíam desde a busca por prazer sexual até a necessidade de escapar do estresse do cotidiano. As interações sociais foram caracterizadas por uma mistura de flerte, conversa casual e negociação de consentimento, destacando a complexidade das dinâmicas interpessoais no ponto de pegação. A análise do espaço físico revelou a importância da disposição espacial na facilitação ou restrição das interações sociais, com áreas mais privadas sendo frequentemente utilizadas para encontros íntimos, enquanto áreas mais abertas eram usadas para socialização e observação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, esta etnografia oferece um vislumbre das dinâmicas complexas que permeiam a rua Tontura. Os relatos dos frequentadores destacam a importância deste espaço como um local de expressão sexual e libertário dentro da comunidade gay. Embora a pegação seja amplamente praticada e aceita dentro da comunidade, ela também levanta questões importantes sobre saúde sexual, consentimento e bem-estar emocional. Além disso, é importante reconhecer que a pegação nem sempre é uma escolha livre de pressão ou coerção. Muitos homens gays enfrentam estigmas internalizados em relação à sua sexualidade, o que pode influenciar seus comportamentos sexuais e relacionamentos.

A cultura da pegação é um aspecto significativo da experiência LGBTQ+ e tem uma longa história de evolução e transformação. Ao explorar seu histórico, conceitos associados e reflexões sobre seu impacto na comunidade gay contemporânea, podemos apreciar a complexidade dessa prática e continuar a promover discussões abertas e inclusivas sobre sexualidade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Victor Hugo De Souza. **Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina.** Salvador: Editora Devires, 2017.

CLEMENTE, Anselmo. **Pegação: Reflexões sobre o homoerotismo na cidade de São Paulo.** Tese. São Paulo: PUC-SP, 2018.

PAGLIA, Camille. **Sexo, arte e cultura americana.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

OLIVEIRA, T. & Nascimento, S. Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em Lucas Pessoa, Sexualidad, Salud y Sociedad. **Revista Latinoamericana**, 2015, pp.44-66.

SAMPAIO, José Ricardo Fortes. **Perdendo a cabeça na tontura: reflexões etnográficas no campo da pegação homoerótica em Teresina (PI)** / José Ricardo Fortes Sampaio. 2019.

Rua Simplício Mendes. Teresina Antiga. Disponível em:
<https://teresinaantiga.com/rua-simplicio-mendes/> acessado em: 25 de Jan. de 2024, às 15h.

WHYTE, W, F. **Sociedade de esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 19/01/2024

Aprovado em: 19/03/2024

Received in: January 19, 2024

Approved in: March 19, 2024